

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-09-19

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Branco, J. F. (2003). Carlos M. Santos (1893-1955): Folclorizador em tempo madeirense. In Salwa El-Shawan Castelo-Branco, Jorge Freitas Branco (Ed.), *Vozes do povo: A folclorização em Portugal.* (pp. 447-454). Lisboa: Etnográfica Press.

Further information on publisher's website:

<https://books.openedition.org/etnograficapress/607>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Branco, J. F. (2003). Carlos M. Santos (1893-1955): Folclorizador em tempo madeirense. In Salwa El-Shawan Castelo-Branco, Jorge Freitas Branco (Ed.), *Vozes do povo: A folclorização em Portugal.* (pp. 447-454). Lisboa: Etnográfica Press.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Etnográfica Press

Vozes do Povo | Salwa El-Shawan Castelo-Branco, Jorge Freitas Branco

Capítulo 29. Carlos M. Santos (1893-1955)

Folclorizador num tempo madeirense

Jorge Freitas Branco

p. 447-454

Texte intégral

Uma placa evocativa

1

Em 1997, assinalando o centenário da luz eléctrica no Funchal, foi inaugurada uma estrutura museológica na desactivada Casa da Luz. O Museu da Electricidade proporciona ao público uma visão cronológica da implantação e da expansão desta fonte de energia no arquipélago. O visitante mais interessado acaba por adquirir prática na leitura das muitas placas metálicas de origem, que identificam a maquinaria instalada.

- 2 Para o termo da visita está reservada uma surpresa. Antes de abandonar o edifício musealizado, podemos-nos aperceber da existência de uma singela placa evocativa, desta vez colocada numa parede. À primeira vista, não aparenta ter relação com um facto técnico ou com um feito energético. Nela se informa da realização, em 29 de Junho de 1850, dum a I Feira organizada naquele mesmo local da cidade, então designado praça Académica. Exibiram-se os Hercúleos Filhos de São Martinho, apresentando o número *A la Moda*. A colocação desta placa deve-se a uma iniciativa do actual Grupo Folclórico da Boa Nova.
- 3 Este pormenor certamente passa desapercebido à maioria das pessoas. Para os que nela se detenham, não deixa a mesma de suscitar alguma curiosidade. Descoberta a coincidência do local, haverá algo mais a ligar esse passado e o presente? A solução para este pequeno enigma é partir à cata de mais informação. A fonte disponível é o *Elucidário Madeirense* (Silva & Menezes 1921), que orienta e qualifica há gerações a memória social insular.
- 4 Ficamos a saber que a I Feira do Funchal foi um certame comercial sem sequência. Organizado por iniciativa de um governador, a ela terão acudido, nos dias 29 e 30, cerca de 15.000 pessoas e, entre as instalações disponibilizadas para o efeito, havia um coreto e um palco.
- (...) Por volta da tarde do dia 29, subiram ao tablado 13 camponeses da freguesia de São Martinho, vestidos com trajes peculiares do país, e dançaram primorosamente uma dança particular da Madeira, conhecida pela denominação de “A la moda”. (...)
- 5 transcreve o *Elucidário* de um ofício do referido governador dirigido ao governo, em Lisboa (Silva & Menezes 1984-II: 13). A posteridade passa assim a saber que o coreto serviu para a actuação dum a banda militar, enquanto o palco se destinou a outro tipo de exibições. Aplaca refere uma designação para o agrupamento, a que a fonte acabada de citar não alude.
- 6 Há coincidência no espaço, mas não no tempo. No Museu da Electricidade perpetua-se memória, por meio da lembrança sugerida por instalações especializadas nos objectivos a que se destinam: a casa da luz e um palco ao lado de um coreto. Tanto a claridade artificial, como o folclore carecem de locais de produção adequados, porque têm a artificialidade como traço comum. No entanto, o alcance da exibição folclórica ocorrida em 1850 e a inauguração dum a central eléctrica, em 1897, não se

equivalem. A última significou a partida para uma continuidade, a primeira foi um acto avulso.

7 Só um século mais tarde é que tais circunstâncias se conjugariam na Madeira. Um dos obreiros dessa tarefa, tendo em mente esse espírito de movimento a erguer, foi Carlos Santos. Assim mesmo, haverá um sentido, de imediato menos perceptível, mas susceptível de ser atribuído à placa evocativa: tanto a luz artificial, como os espectáculos de folclore são componentes que percorrem a modernidade.

Resenha biográfica

8 Carlos Santos ou Carlos M. Santos eram as formas como costumava assinar os escritos. O seu nome completo era Carlos Maria Platão dos Santos. Nasceu a 22 de Julho de 1893, na freguesia da Sé, em pleno centro do Funchal. Após ter terminado a escola industrial, inicia em 1908 a sua vida profissional na indústria dos bordados, onde desempenhou várias funções, entre as quais a de desenhador. Aprendeu a tocar braguinha¹ e bandolim.

9 Em 1913 funda um grupo de bandolinistas, no qual participam um seu irmão e alguns amigos. Para além de exibições por ocasião de festas no Funchal, deslocam-se a Machico e à ilha do Porto Santo, em 1924. Mantêm-se activos até cerca de 1927.

10 Nesse ano recebe convite para assumir a direcção artística do *6 de Janeiro de 1915*, transformando-o no Círculo Bandolinístico da Madeira. Com esta orquestra obtém prémios na especialidade, ao concorrer a um certame realizado no Teatro Municipal, em 2 de Fevereiro de 1929. A presidência do júri foi assegurada pelo maestro Francisco de Lacerda (1869-1934), temporariamente na ilha por razões de saúde (Câmara 1994: 7).

11 Ainda na década de 1920, o agrupamento ganha fama local e exibe-se duas vezes nos Açores (logo em 1929 e depois em 1930). Com a morte de Alfredo Correia, bandolineiro reputado, e sem alternativa para o substituir, o *Círculo* entra em decadência.

12 Carlos M. Santos foi um autodidacta. Em paralelo à sua actividade de tocador, foi-se cada vez mais debruçando sobre aspectos do folclore madeirense.²

13 Aproveita a sua colaboração jornalística no *Jornal da Madeira* para ir redigindo textos com as observações e as reflexões resultantes das suas caminhadas solitárias pela ilha, que não viriam a ser publicados na imprensa.³ Datado de 1937, sai o livro *Tocares e Cantares da Ilha. Estudo de Folclore da Madeira*, em

edição do autor, onde divulga os materiais entretanto compilados.

14 O seu empenho na organização de grupos folclóricos parece ter tido início nesse ano de 1937, ao ser-lhe solicitada a colaboração na Festa da Vindima, a decorrer no Funchal. Encarrega-se da direcção artística de Os Folcloristas, um agrupamento com sede no sítio dos Louros, nos então arredores da cidade. Não irá perdurar a experiência. Com as dificuldades organizativas (a falta de raparigas) conjugam-se as consequências da deflagração da Segunda Guerra Mundial.

15 Munido desta primeira experiência de representação folclórica, lança-se na criação de um agrupamento próprio, provavelmente conhecido como Grupo Carlos Santos. O recrutamento de dançarinhas e cantoras permanece difícil, por isso associa-se ao Patronato de São Pedro, uma entidade caritativa religiosa, na esperança de solucionar o problema. Estreiam-se a 30 de Novembro de 1940, no Teatro Municipal, com um espectáculo da sua autoria, *Visão Lírico-coreográfica da Ilha da Madeira*, integrado nas Comemorações dos Centenários.

16 Pouco depois vê publicado por um organismo oficial, a Delegação de Turismo da Madeira, *Trovas e Bailados da Ilha. Estudo de Folclore da Madeira* (1942), o seu segundo livro. É novamente compelido à mudança de instalações, passando para um pavilhão de exposições (Quinta Vigia). Continuam a actuar, sendo uma das exibições, realizada nos jardins do Hotel Savoy, destinada a um filme encomendado pelo ministério da Educação. Em 1945, por ocasião das Festas da Cidade, organiza mais espectáculos. A dificuldade em manter estável a participação feminina leva-o a dissolver o agrupamento, por volta de 1948.

17 Em Março do ano seguinte é-lhe feito convite para tomar a direcção artística do Grupo da Casa do Povo da Camacha, estando em vista a preparação para o Concurso Internacional de Danças Populares, marcado para Junho de 1949, em Madrid. A ida ao estrangeiro saldou-se pela obtenção de um segundo lugar na modalidade de ranchos mistos e pela atribuição de uma faixa de honra pela originalidade. No regresso, o grupo da Camacha tem a oportunidade de se exibir em Lisboa (na Casa da Madeira e durante a visita oficial de Pierre de Gaulle, então presidente do município de Paris). Com eles vai, em 1951, a França (Biarritz) e novamente a Espanha (Saragoça).

- 18 Três anos mais tarde, desliga-se dos camacheiros. Ensaia já outros ranchos: os das freguesias da Boaventura, da Ponta do Pargo e do Livramento. Com este último tenta uma organização independente, tendo-se exibido em 1952 durante a visita oficial do general Craveiro Lopes, então presidente da República. Com data desse ano, vê o seu terceiro livro *O Traje Regional da Madeira Estudo*, sair a público com a chancela da Junta Geral.
- 19 A experiência com o grupo do Livramento não tem continuidade, uma vez mais pelos obstáculos encontrados no recrutamento feminino e pela ausência dum local apropriado para os ensaios. Em 1955, três ranchos que vinha orientando (Ponta do Pargo, Boaventura e Ponta do Sol) actuam em mais uma edição da já mencionada Festa da Vindima.
- 20 Atingido por doença que o ia debilitando, veio a falecer a 6 de Outubro de 1955, na cidade onde nascera.

Proposta interpretativa

- 21 O trajecto biográfico elaborado resume os dados nem sempre coincidentes de várias fontes. Ficam por conhecer facetas de maior ou menor relevância.⁴
- 22 Após educação escolar vocacionada para o exercício profissional, emprega-se numa casa de bordados funchalense. O papel destes estabelecimentos industriais era coordenar o trabalho de milhares de mulheres bordadeiras, espalhadas por todo o arquipélago, trabalhando por um sistema equivalente a empreitada, recebendo da respectiva casa de bordados o material necessário (o pano com o desenho e a linha). Feito o bordado, este era devolvido ao estabelecimento, lavado e engomado por operárias, calculado o preço e finalmente posto à venda. Empregados masculinos tratavam das tarefas administrativas e preenchiam a sala de desenho. Terá sido nestas esferas que Carlos M. Santos se inseriu e foi subindo de categoria. Da vertente profissional, pode-se reter como hipótese a possibilidade que terá tido de dispor de muitos contactos com as áreas rurais.
- 23 Os trabalhos de embutidos constituem uma das suas distrações. Eram conhecidos na cidade, chegando a ser expostos (Vasconcelos 1993: 24-25). O desenho aprendido e treinado na escola e, depois, exercido no campo profissional, pode ter constituído motivo para esta dedicação. Colabora na imprensa diária, em moldes difíceis de avaliar.

- 24 Domina dois instrumentos. Certamente que o envolvimento familiar lhe terá sido propício nessa aprendizagem, assim como o meio social urbano em que cresce. A braguinha indica integração em meios populares. O bandolim aponta para uma convivência musical mais própria de sectores afastados dos referidos meios e orientada para vogas cosmopolitas — se quisermos uma cultura de massas emergente e avessa a fronteiras nacionais. Enquanto a primeira abrange um ambiente não letrado, onde imperava o repentismo (Gomes 1994, Silva & Menezes 1984-III: 87-88), na segunda a propagação da mensagem musical requer inserção numa cultura escrita.
- 25 A sua biografia está marcada por usos e contextos de música. Nos 20 anos de idade funda um grupo bandolinístico, passados cerca de 15 anos muda-se para outro, molda-o e rebaptiza-o. Até aí as actuações terão servido para animar bailes e festas de convívio, talvez disputando popularidade a outros congéneres, como o Septeto Passos Freitas.⁵ Ao reanimar o *Círculo*, entra em espectáculos com plateia mais abrangente, pois exibe-se na mais conceituada sala da cidade, o Teatro Municipal. Aqui, em 1929, na presença duma personalidade da vida musical nacional recebe, pela primeira vez, um reconhecimento que extravasa o seu meio social de origem. Vai a digressões fora do arquipélago. A caminhada rumo a um mais amplo reconhecimento como músico amador é interrompida com o falecimento dum colega, que não consegue substituir. Esmorece o *Círculo* ou o *6 de Janeiro*, como as pessoas chamavam ao agrupamento (Xarabanda 1993), coincidindo isto com a passagem de uma moda musical. Tem mais de 40 anos e sente chegado o momento de abraçar uma vocação.
- 26 O ano de 1937 parece ser uma charneira no reajustamento dos seus interesses. Até ao fim da vida irá conseguir publicar três livros, todos sobre aspectos do folclore madeirense. É-lhe proposta a direcção artística de um grupo folclórico, havendo uma exibição em perspectiva. Inicia uma caminhada em prol da criação e organização de ranchos folclóricos. Desta experiência retiram-se alguns dados conclusivos. Os agrupamentos que funda, orienta, reorganiza e conduz a espectáculos no Funchal, no continente e no estrangeiro traduzem uma situação de arranque do movimento folclórico. Surgem oportunidades de actuações solicitadas por instâncias oficiais para concursos, festejos públicos ou actos solenes. Pelo outro lado, apercebemos-nos da fragilidade da coesão interna: é difícil manter as

raparigas e dispor de espaços para os ensaios. Este quase paradoxo é reflexo da própria essência do movimento musical e cénico emergente; o interesse vem de cima, a adesão dos desejados protagonistas populares é hesitante a pressão social sobre as jovens não lhes permite um empenhamento duradouro.

27 As oportunidades de ensaiar ranchos folclóricos surgem a partir de finais da década de 1930. No caso de *Os Folcloristas* há uma meta imediata, a que haverá que acrescentar como hipótese destinar-se o grupo a exibições para os passageiros dos barcos alemães em cruzeiros de turismo popular (*Kraft durch Freude*, KdF). Apesar do tempo de guerra entre outras nações, a experiência seguinte é coroada de êxito. Com um grupo próprio pretende inserir-se num âmbito à escala nacional. Exibe-se com repertório inédito e da sua autoria nos eventos nacionais comemorativos dos centenários. Nos anos do conflito mundial sai o segundo livro e faz uma actuação filmada.⁶ O Grupo Carlos Santos sobrevive até finais de 40, sucumbindo às dificuldades de recrutamento. Em finais da década aceita a direcção dum outro rancho já constituído, o da Camacha, com o qual obterá resultados compensadores. Entra em concursos internacionais e eventos nacionais. É o ingresso definitivo da Madeira no movimento folclórico nacional.

28 Nos anos seguintes, o seu labor consiste em disseminar os conhecimentos acumulados por ranchos entretanto formados em freguesias rurais madeirenses.

29 No aparecimento de ranchos folclóricos com carácter permanente convergem interesses de dois tipos: a promoção turística regional (no exterior) e a participação no emergente movimento folclórico nacional. Ambos os vectores criam oportunidades para actuações calendarizadas.

30 Neste processo de folclorização inserida num movimento organizado, distinguem-se impulsos normalizadores. De um lado, posturas municipais no Funchal, regulamentando a indumentária a envergar na prestação de determinados serviços turísticos e a institucionalização dos festejos pelo São Silvestre.⁷ São medidas destinadas à criação duma imagem insular própria a ser consumida pelos forasteiros. Por outro, a dinâmica nacional interna da transposição de aspectos seleccionados da cultura popular para a fixação de um património folclórico destinado à inculcação de tradições e de arranjos estéticos diferentes (Branco 1999, 2001).

- 31 Carlos Santos é o principal obreiro à escala regional da síntese performativa. Na sua vida sucedem-se duas fases: a de bandolinista e a de folclorizador. Na primeira integra-se musicalmente numa modernidade de inspiração cosmopolita e descobre o potencial gestual, musical e cénico a combinar num novo género, o arranjo folclórico autonomizado. Na fase posterior volta-se decididamente para esta tarefa, investigando os seus conteúdos melódicos, corporais e de traje, depurando e tornando-os aptos para nova funcionalidade.
- 32 As suas publicações são a justificação escrita e ilustrada dessa funcionalidade. Com o movimento folclórico ganha força e legitimidade o desempenho folclórico, leia-se a fixação de composições etnográficas fabricadas com novas artes e manhas. Esta é a essência da acção de Carlos Santos na sua terra. Colocando o folclorizador no seu tempo e no seu espaço, há aspectos que se quedam sem resposta. Pertenceu a uma geração de madeirenses que, nos anos 1930, viveram dois movimentos de revolta contra medidas tomadas pelo governo em Lisboa e respeitantes à Madeira.⁸ Da sua posição em relação a eles nada transparece nos dados disponíveis. A não ser, talvez, que as duas primeiras obras referem nos seus títulos o termo ilha, enquanto a última aponta para uma componente de incidência regional.



“Merecida homenagem póstuma ao nosso primeiro director, padre António Marvão. Com a sua grande humildade, o nosso director, Reverendo Padre Marvão, que a pedido do Senhor D. José, aceitou a missão de dirigir o nosso jornal, (...), continuando sempre como colaborador assíduo até à sua morte no passado dia 2 de Fevereiro. Porém, como só agora, após o seu chamamento por deus, para a Pátria Celeste, conseguimos uma sua fotografia, entendemos prestar-lhe esta modesta homenagem, publicando hoje, no dia do nosso 30.^º aniversário a sua foto, que era a única dum seu passaporte e da qual mandámos fazer a reprodução para oferecer a seus irmãos residentes em Amareleja.”

Jornal do Sul (Beja), n.º 953, 2 de Junho de 1993

Notes

1. Sobre este instrumento cordofone ver Oliveira (2000: 180).
2. Da relação de amizade estabelecida com um pianista seu conterrâneo, Joaquim dos Santos Freitas (1908-1980), terá tirado proveito em termos de conhecimentos de história da música. Este dedicava-se ao ensino musical e a tocar nos ambientes turísticos funchalenses e a bordo dos navios que faziam escala no porto (Clode 1994: 206-207). Há referências a Carlos Santos dos músicos José Viana da Mota (1868-1948), Luís de Freitas Branco (1890-1955) e do etnógrafo colaborador do SPN Luís Chaves (1888-1975). Agradava-lhe saber o seu trabalho referido por individualidades reconhecidas a nível nacional.
3. Existem poucos testemunhos sobre a sua personalidade, as exceções salientam o seu individualismo (Fernandes 1993: 5).
4. Utilizei as entradas referentes a Carlos M. Santos em Clode, 1994, e na Grande Encyclopédia Portuguesa e Brasileira (volume XXVII), revelando-se mais informativo o material recolhido e publicado em Xarabanda (1993). Neste último caso, trata-se de uma entrevista feita ao filho do biografado, Rui Santos. Agradeço a Rui Camacho, da Associação Xarabanda, no Funchal, alguns pormenores facultados.
5. Manuel dos Passos Freitas (1872-1952) era um advogado que desde cedo se empenhou em criar e ser regente do Orfeão Madeirense. Para além desta formação de canto coral, era director do Septeto Passos Freitas, uma orquestra de palhetas (Silva & Menezes 1984-III: 53-54, Clode 1994: 357-358).
6. Dos álbuns fotográficos de promoção turística editados no estrangeiro e feitos por estrangeiros, retenho um de meados dos anos 50, em que aparecem fotografias dum rancho folclórico em plena exibição, tendo como pano de fundo o átrio da igreja de Santa Cruz. Poderá tratar-se do grupo da Camacha (Varvara 1955, fotos 65 e 66).
7. Sobre a obrigação do uso de indumentária estabelecida como regional, por exemplo, para as floristas e os boieiros, vejam-se referências mais completas em Branco (2001). Sobre a Comissão de Festas de Fim do Ano, ver Lacerda (1994: 15-17). Nesta comissão participaram, entre outros, o maestro Francisco de Lacerda e o então presidente do município funchalense, Gastão de Deus Figueira (1896-1957), que havia imposto o uso de traje típico na cidade.
8. Trata-se da revolta de Fevereiro de 1931 (Brasão & Abreu 1994) e do levantamento ocorrido em Agosto de 1936, que obrigaram o governo em Lisboa a enviar forças militares, a fim de controlar largos sectores da população amotinados. Os acontecimentos tiveram como pano de fundo, em 1931, um novo regime cerealífero — a Revolta do Pão — e, em 1936, a promulgação de dispositivos legais relativos aos lacticínios — a Revolta do Leite (alguns dados em Silva & Menezes 1984-II: 406).

Auteur

Jorge Freitas Branco

Doutor em etnologia (Universidade de Mainz), professor de antropologia no ISCTE, coordenador do DepANT.
Domínios de pesquisa: folclorismo, cultura material, ritualidade secular.
Publicações: *Ao Encontro do Povo. I. A Missão* (Celta Editora, 1992, em co-autoria), *Ao Encontro do Povo. II. A Colecção* (Celta Editora, 1993, co-autoria), *Artes da Fala. Colóquio de Portel* (Celta Editora, 1997, co-org.), “A fluidez dos limites: discurso etnográfico e movimento folclórico em Portugal” *Etnográfica Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social, 3, 1: 23-48.*

© Etnográfica Press, 2003

Conditions d'utilisation : <http://www.openedition.org/6540>

Référence électronique du chapitre

BRANCO, Jorge Freitas. Capítulo 29. *Carlos M. Santos (1893-1955) : Folclorizador num tempo madeirense* In : *Vozes do Povo : A folclorização em Portugal* [en ligne]. Lisboa : Etnográfica Press, 2003 (généré le 03 janvier 2019). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/etnograficapress/607>>. ISBN : 9791036511233. DOI : 10.4000/books.etnograficapress.607.

Référence électronique du livre

CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan (dir.) ; BRANCO, Jorge Freitas (dir.). *Vozes do Povo : A folclorização em Portugal*. Nouvelle édition [en ligne]. Lisboa : Etnográfica Press, 2003 (généré le 03 janvier 2019). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/etnograficapress/537>>. ISBN : 9791036511233.
Compatible avec Zotero

